

UM ESTUDO DO DISCURSO DO EX-CAPITÃO JAIR MESSIAS BOLSONARO PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Quo usque tandem, Catilina, abutere patientia mostra? (Cícero)
Até quando, Bolsonaro, abusarás de nossa paciência (Márcio M. G. Silva)

Abstract: The main objective of this article is to comment on president Jair Messias Bolsonaro's discourse from the perspective of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). We can see that Bolsonaro does not dialogue, above all with people having an opinion different from his own. Due to his egocentric, headstrong and aggressive personality he always tries to impose his opinion besides falling out with everybody who do not accept his fascist and dictatorial ideas. To make the discussion possible the article presents the most relevant principles of EDA. Finally, it discusses negationism, conspiracy theories (conspirationism) and similar ideologies.

Key-words: Bolsonaro's discourse; EDA's principles; negationist and conspiracy theories.

Resumo: O objetivo principal deste artigo é comentar o discurso do presidente Jair Messias Bolsonaro no espírito da Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE). Nota-se que Bolsonaro não é capaz de dialogar, sobretudo com quem tem opinião diferente da dele. Por ter uma personalidade egocêntrica, voluntariosa e agressiva, só quer impor sua opinião, além de se indispor com tudo e todos que não aceitem suas ideias fascistas e ditatoriais. Para viabilizar a discussão, o artigo apresenta os princípios mais relevantes da ADE e discute a questão do negacionismo, teorias da conspiração (conspiracionismo) e assemelhadas.

Palavras-chave: Discurso de Bolsonaro; princípios da ADE; teorias negacionistas; teorias da conspiração.

1. Introdução

No momento da pandemia do coronavírus (Sars-CoV-2, coronavírus, covid-19), podemos detectar dois discursos no Brasil: o dos que seguem as recomendações da OMS, do Ministério da Saúde e de todos os especialistas em Infectologia e Virologia, por um lado, e o discurso beligerante do ex-

capitão Jair Messias Bolsonaro *et caterva*, por outro lado. Ele punha, e põe, em primeiro lugar a economia e o emprego, assunto que já tangenciei em Silva (2020). Ele quer porque quer que a economia (emprego) funcione a pleno vapor, ignorando o fato comprovado em outros países de que isso provoca aglomerações de pessoas que poderiam levar à proliferação descontrolada do vírus e levar a milhares de mortes. As pessoas morreriam por falta de tratamento adequado (como falta de respiradores), praticamente à míngua. Não basta o exemplo de regiões como o norte da Itália (Bérgamo), e de alguns estados brasileiros (Pará, Maranhão, Ceará, Amazonas) em que muita gente teve que ser enterrada em valas comuns, com tratores, pois o sistema de saúde e o funerário entraram em colapso. A certa altura, as infecções e mortes começaram a decair, mas em dezembro de 2020 começaram a subir de novo.

Tendo em vista este cenário, meu objetivo no presente artigo é focar especificamente no discurso de Jair Messias Bolsonaro. Por discurso aqui deve-se entender frases soltas para seus apoiadores, ou contra os que ele considera inimigos, ou seja, cerca de 75% da população brasileira. A base teórica, como no outro artigo, é a Análise do Discurso Ecológica (ADE), também já apresentada nele, embora mais abaixo sejam acrescentados mais alguns comentários sobre ela.

É sempre bom lembrar que o ex-capitão foi eleito devido à conjunção de três fatos negativos: 1) o cansaço da população com a corrupção nos dois governos precedentes do PT; 2) a fachada que levou durante o comício em Juiz de Fora que o transformou em vítima; 3) não ter participado dos debates entre os candidatos na TV: veremos que ele não sabe debater, isto é, dialogar; só quer impor sua vontade (voluntarismo, idiocracia). No presente momento (abril 2020), há um quarto fator negativo que o favorece. A luta contra o coronavírus, que ele chamou de “gripezinha”, está desviando a atenção de seus desvarios e desatinos e evitando que se entre com um processo de cassação contra ele. Para as pessoas sensatas e as que têm sensibilidade para com o sofrimento alheio, a prioridade no momento é o combate ao vírus, menos para ele.

2. ADE

Couto (2020a) propôs o termo “discursística” como um substituto para a expressão ‘análise do discurso’, pois, assim teríamos, segundo o autor, um nome mais simples, univocabular, para a disciplina. Adotando-o, Análise do Discurso Crítica seria Discursística Crítica e Análise do Discurso Ecológica se redenominaria como Discursística Ecológica, em perfeito paralelo com Linguística Ecológica (LE). Porém, como as pessoas não gostam muito de alterações nas teorias nem de mudanças em seus nomes – e com uma certa dose de razão –, vou manter a expressão ‘Análise do Discurso Ecológica’ (ADE), mas vale a pena ler os argumentos em prol do termo Discursística.

Em Silva (2020), eu já adiantei algumas das principais características da ADE, referindo-me à pouca bibliografia existente, como Couto (2013), Couto; Couto (2015), Alexander; Stibbe (2014), Finke (2001) e Trampe (2016). Como o criador da teoria me disse (c.p.), a maioria das pessoas falam em ADE e LE com base em uma vaga ideia que têm delas, ou seja, sem ler os ensaios originais e os que os aperfeiçoaram. Por isso, vale a pena apresentar uma síntese dos princípios primeiros da ADE, pano de fundo para este artigo:

1) Defesa incondicional da vida.

2) Essa defesa inclui luta contra o sofrimento evitável.

3) Abordar as questões pelo lado positivo, não pelo negativo, enfatizando a harmonia e a comunhão. Em Silva (2020) há um gráfico com explicações que justificam esta postura.

4) Recomendação para intervir em defesa da vida e evitar sofrimento evitável. A Ecologia Profunda fala em ‘prescrição’, mas o termo parece muito forte em português.

ECO-REBEL

5) Maior valorização do conteúdo do que da forma, apesar de todo discurso vir materializado em um texto, motivo pelo qual os seguidores da ADE preferem falar em texto-discurso.

No mesmo artigo incluí um elenco das principais fontes em que a ADE se inspirou para a formulação de seu arcabouço epistemológico. São elas:

a) Ecologia e ecossistema. Este último com todas as suas características, propriedades e conceitos;

b) Linguística Ecológica. Na verdade, a ADE é parte dela, como foi demonstrado gráfica e verbalmente no artigo recém-mencionado.

c) Ecologia Profunda, formulada por Arne Naess. Todas as suas categorias e conceitos são válidos na ADE (NAESS, 1973; 1989).

d) O exemplo de vida de Mahatma Gandhi, sobretudo a resolução de conflitos pela não violência, outrossim demonstrada gráfica e verbalmente.

e) O conceito de comunhão da Linguística Ecológica, reflexo das relações ecológicas harmônicas da Ecologia. A comunhão leva à procura por uma sinergia, uma empatia antes de qualquer interação, comunicativa ou não.

f) A Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004). Como o termo ‘positivo’ já sugere, essa versão da Discursística Crítica é em grande parte compatível com a ideia de comunhão, com o exemplo de vida de Gandhi e com a Ecologia Profunda.

Tudo isso é visto a partir da ótica da visão ecológica de mundo (VEM). Trata-se de diretrizes gerais para a tomada de decisão em casos de conflito. Mas, cada caso é um caso e deve ser analisado no respectivo contexto. Veja-se o infanticídio em alguns grupos ameríndios. O dilema é: focar no sofrimento (máximo) da criança que será sacrificada ou na prática cultural de séculos? Muitos antropólogos defendem a segunda postura, o respeito aos hábitos do grupo. Mas, muita gente ficaria do lado da criança, tentando fazer com que ela não seja sacrificada. Os praticantes de ADE tendem para a primeira postura, como se pode ver nas duas primeiras características elencadas acima: para a ADE, a vida vem em primeiro lugar. Hábitos culturais mudam ao longo do tempo, mas a morte é irreversível. Na polarização economia/emprego *versus* saúde/vida, ela aborda a questão começando pelo lado da saúde/vida, mas sem ignorar que ela faz parte de um todo com economia/emprego, logo, não se deve ignorá-la. Afinal, a ADE encara seu objeto holisticamente, não de forma fragmentada. Isso está pormenorizadamente discutido em Silva (2020).

Retomemos a questão dos conceitos polares, discutida em Silva (2020), comparando o círculo de que são um diâmetro com o símbolo do *yin* e *yang* apresentado na figura 1



Fig. 1

A parte *yang* (cor branca) e a parte *yin* (cor preta) estão em movimento, girando na direção do que parece a cabeça de uma baleia (no sentido dos ponteiros do relógio), mas é impossível representar esse movimento aqui. Pois bem, os conceitos polares das figuras 2, 3 e 4 de Silva (2020) também giram. Na figura 2 temos uma tentativa de representar esse movimento.

ECO-REBEL

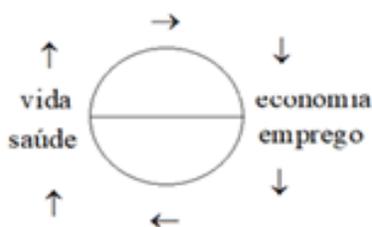


Fig. 2

Mais uma vez, os recursos usados na ADE se mostram adequados para se representar a realidade vivida no momento da covid-19. Não se pode focar apenas em saúde/vida nem apenas em economia/emprego. Trata-se de uma realidade dinâmica, que gira em espiral, de modo que ora temos uma, ora temos a outra, na mesma espiral, porém, sempre se renovando. Um detalhe importante é que, por encarar o objeto holisticamente, quando se focaliza microscopicamente em um dos polos não se ignora o outro. No entanto, frise-se, a ADE começa sempre pelo polo vida/saúde.

3. O comportamento e atitudes de Bolsonaro

Em vez de liderar o combate ao letal coronavírus, como fazem os presidentes de outros países, o ex-capitão está preocupado com brigas políticas, com algum ministro que começa a ficar popular etc., pois, “quem manda sou eu!”. Está preocupado com as instituições (como o STF) e autoridades (presidentes da Câmara e do Senado) que criticam e/ou tentam frear suas insanidades. Sua irresponsabilidade frente à pandemia chegou a levar os países vizinhos a considerarem o Brasil uma ameaça a eles, pois a desídia do ex-capitão é um dos fatores a fazer aumentar os casos de doença e morte pelo vírus. Em vez de se preocupar com compra de vacinas para a população – coisa que outros países estão fazendo com denodo – ele fica tentando impor a hidrocloroquina e a ivermectina, cuja eficácia é negada pela ciência, mas ele acha que elas devem ser usadas.

O recém-empossado presidente dos EUA Joe Biden, que concorreu com Donald Trump, disse referindo-se a este que “o presidente deve ser parte da solução, não do problema”. Bolsonaro, como seu ídolo Donald Trump, é clara e conscientemente parte ativa do problema. Com efeito, ele “segue com sua estratégia negacionista da doença e com os constantes conflitos com os ‘adversários’ visíveis ou imaginários, como a imprensa, a ciência, os outros poderes da República e o comunismo” (*Correio Braziliense*, 22/06/2020). Ele mesmo cria inimigos por todo lado, tanto no nível nacional quanto no internacional. Aliás, tanto Trump quanto Bolsonaro são truculentos. Entretanto, a truculência do Trump é, digamos, sutil, “civilizada”, ao passo que a truculência do Bolsonaro, por ser subdesenvolvido, é descarada. Infelizmente, o efeito das duas formas de truculência é devastador para o meio ambiente natural, o mental e o social.

Bolsonaro sempre fala com o cenho franzido, parecido com cenho de Lula, proferindo palavrões quando irritado, e ele frequentemente está irritado. Além do Lula, ele tem muita coisa em comum com Nicolás Maduro e seu falecido mestre Hugo Chávez, além, é claro, das afinidades com Hitler e Mussolini – ex-capitão abomina os dois primeiros, não necessariamente os dois últimos. Pois bem, seu semblante já deixa entrever uma propensão para a agressividade.

ECO-REBEL

Durante os três mandatos como deputado federal ele só aparecia devido a fatos negativos, declarações agressivas, preconceituosas, grosseiras, de baixo nível, sempre com seus despautérios, suas verrinas contra tudo e todos que não concordavam com suas ideias fascistas. Não aprovou nenhuma lei relevante.

Depois de ser eleito presidente, quis nomear um filho como embaixador em Washington, por que ele “fala bem inglês” e “sabe fazer hambúrguer”. Já disse que pretende nomear um juiz “terrivelmente evangélico” para o STF, não por ser competente e ter conduta ilibada; deu passaporte diplomático a Edir Macedo, que virou milionário extorquindo dinheiro dos pobres, para que ele possa “desempenhar de maneira mais eficiente suas atividades em prol das comunidades brasileiras no exterior” (*Exame*, 15/04/2019). Enfim, além de outras desqualidades, o ex-capitão apresenta uma atitude de mandão, deixando todos entenderem que “quem manda sou eu”, frequentemente desautorizando subordinados, em público, como já fazia nos tempos de caserna. Esse ex-capitão está fazendo tudo que disse que não iria fazer. Há uma discrepância gritante entre o discurso do candidato e a prática do eleito. Durante a campanha eleitoral ele disse que introduziria um novo modo de governar, livre da ideologia de esquerda (do PT), mas introduziu a ideologia fascista de direita. Se pelo menos fosse firme como foram Hitler e Mussolini, estaria sendo um nazifascista coerente. No entanto, ele se revelou escorregadio; diz algo, em seguida diz que não disse, ou que “não é bem o que vocês entenderam” etc. Frequentemente ele toma uma decisão e volta atrás logo em seguida, fora as vezes em que o Poder Judiciário poda suas veleidades ditatoriais. Como disse o jornalista Marco Antônio Villa, “ele dá dois passos para frente e um para trás” para atingir seus objetivos. Aqueles dois monstros eram muito mais firmes em suas posições. Como mais uma mostra de que é escorregadio, o ex-capitão (sem partido) passou a negociar o apoio de políticos do chamado Centrão e a barganhar cargos federais com os chefes das legendas que o compõem. Isso se deveu a uma série de derrotas no Congresso. Para sobreviver na presidência, está distribuindo cargos aos amorfos e oportunistas políticos do Centrão, fazendo exatamente o que prometeu que não faria, a política do toma-lá dá-cá. Dá para acreditar num elemento que age assim?

A atitude de Bolsonaro frente à pandemia da covid-19 é das mais irresponsáveis que se possa imaginar, como se pode ver em outras partes deste artigo. Além do mais, ele apresenta uma grande insensibilidade perante a agonia e morte de muitas pessoas. Ele sequer se importa com o sofrimento dos que estão morrendo à míngua por falta de vaga nas UTIs, sem respiradores. Quando uma repórter lhe disse que “a gente ultrapassou o número de mortos da China por covid-19”, ele respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (*Exame*, 29/04/2020). Em outra oportunidade, diante da pergunta sobre o número de mortes por coronavírus, ele respondeu “Não sou coveiro, tá?” para saber quantos morreram (g1.globo.com 20/04/2020).

No dia 27/04/2020, o Brasil completou um total de 5.017 mortes pelo coronavírus, mais que a China, origem do vírus, com 4.637 óbitos, com a agravante de que o Brasil ainda estava em curva ascendente. Diante desse descalabro, ele disse coisas como “e daí?” e “eu não sou coveiro!”. O que é mais, a matilha de seus adoradores ridicularizou as mortes.

O infectologista da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, consultor da SBI, José David Urbaéz, disse: “o chefe do Executivo Federal [é] um fomentador do caos e do negacionismo, reduzindo a enfermidade a uma ‘gripezinha’, contrariando as recomendações baseadas em evidências científicas, desautorizando cientistas e médicos, induzindo comportamentos de exposição à virose como aglomerações em atos público” (*MSN*, 27/04/2020).

Um professor de Direito da USP disse: “a resposta que Bolsonaro deu a Moro sobre a Polícia Federal é muito chocante. Ele praticamente confessa que não consegue distinguir entre instituições

de Estado e as suas conveniências de Governo e insiste em enxergar a parcela do eleitorado que o apoia como o genuíno povo. Esse é o coração jurídico de todo governo ditatorial” (*El país*, 03/05/2020).

O ex-capitão tem um ego inflado, é dotado de um voluntarismo e um egocentrismo sem tamanho. Com efeito, é ele que sabe qual é a interpretação correta das leis, não o Poder Judiciário; é ele que determina que dados sobre a devastação na Amazônia devem ser divulgados, não o INPE; é ele que sabe que atitudes assumir no combate à pandemia do coronavírus, não a OMS, o Ministério da Saúde e os especialistas no assunto; é ele que sabe qual o melhor medicamento contra a covid-19. Tudo isso associado ao autoritarismo e o gosto pela ditadura militar. No Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, um grupo de jornalistas foi atacado com chutes, murros, empurrões e rasteiras, numa manifestação pró-ditadura. Bolsonaro participou do ato e cumprimentou os manifestantes. Alguns cartazes diziam: “Fora Congresso, STF sabotadores!” (sic!).

Cerca de um mês antes já houvera outra manifestação no mesmo sentido (contra a democracia), já reportada em Silva (2020, nota 9), de que o ex-capitão também participou. Nessa manifestação podiam-se ver os seguintes cartazes, entre outros: “Nova constituição anticomunista!”; “Criminalizar o comunismo!”; “Intervenção militar com Bolsonaro” (Globo.com:G1, 03/05/2020). Enfim, como disse o conceituado jornal inglês *Financial Times*, de Londres, “Bolsonaro prospera por meio de políticas que dividem”.

A lista de arbitrariedades não tem fim. Por isso, eu vou mencionar só mais uma de junho de 2020. O ministério da saúde do ex-capitão deixou de anunciar o número de afetados e de mortos pela covid-19 às 19 horas, como sempre vinha fazendo, “a fim de que a TV Globo não pudesse anunciá-los no *Jornal Nacional*”, uma hora e pouco depois. Ele chegou a dizer isso explicitamente, comportando-se como um adolescente que não aceita perder uma disputa e quer se vingar de alguém. Acontece que um país com mais de 200 milhões de habitantes não pode ser governado por um adolescente irresponsável e delinquente, adjetivos que lhe têm sido atribuídos por diversos comentaristas políticos.

Como justificativa para todos os seus desatinos, o ex-capitão brande o lema “Eu não sou corrupto” (FERNANDES, 2020a, 2020b). Em entrevista, ainda como deputado e pré-candidato à presidência, Marco Antonio Villa retrucou: “honestidade não é mérito, é obrigação”. O não ser corrupto não justifica todas as barbaridades que ele vem perpetrando contra o Brasil e os brasileiros. Alguém já disse que Bolsonaro age como um animal selvagem. Ele não foi adestrado nem domesticado pelas regras de convívio social.

4. As falas de Bolsonaro

Por motivos que creio que ficam claros no que se vê em diversas passagens deste artigo e alhures, tenho que me ater a falas curtas, pois o ex-capitão aparentemente nunca escreveu nada – segundo o jornalista Marco Antônio Villa ele é semianalfabeto, nunca leu nem escreveu nada. Pois bem, as falas desse ex-capitão vão dos disparates mais absurdos às ofensas mais truculentas a pessoas, instituições (nacionais ou internacionais), ideias (de que ele não é bem dotado), tudo isso temperado com muitos palavrões. Para começar, vejamos o que ele disse do diretor da OMS, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus: “O diretor da OMS é médico? Não é médico” (*Notícias Uol*, 23/04/2020). Ao saber dessa asserção, o senhor Tedros informou que fez graduação em Biologia, mestrado em Imunologia de Doenças Infecciosas (Universidade de Londres) e doutorado em Saúde Pública (Universidade de Nottinham), embora não precisasse descer ao nível do ex-capitão para lhe dar satisfação. É uma asserção leviana, como muitas outras que ele profere com grande prodigalidade sem o menor pudor.

ECO-REBEL

Em várias oportunidades eu lembrei que o discurso do ex-capitão é parecido com o de Hitler e o de Mussolini. Pois bem, ele publicou nas redes sociais o seguinte: “Melhor viver um dia como leão que cem anos como cordeiro”, acrescentando que “Mais vale viver lutando com honra pela liberdade do que ficar escondido sem a coragem de ajudar a seu país” (*Correio Braziliense*, 01/06/2020), que lembra a frase “os italianos têm se alimentado demais de cordeiro até agora; é chegado o momento de eles passarem a se alimentar de miolo de leão”¹. Isso lembra uma frase semelhante em italiano, porém, lembra mais diretamente ainda a fábula do lobo e do cordeiro, de La Fontaine. O ex-capitão quer agir como o lobo frente ao cordeiro, que seriam seus adversários – cerca de 75% da população –, embora ele não saiba disso, pois o que importa é o que lhe interessa. Em Globo.com, G1, 03/05/2020 vemos uma sequência de declarações autoritárias e filo-ditatoriais do ex-capitão. “Temos as Forças Armadas ao lado do povo, pela lei, pela ordem, pela democracia, pela liberdade”. Em seguida diz: “Nós queremos o melhor para o nosso país. Queremos a independência verdadeira dos três poderes, e não apenas uma letra da Constituição, não queremos isso. Chega de interferência. Não vamos admitir mais interferência. Acabou a paciência. Vamos levar esse Brasil para frente. Acredito no povo brasileiro e nós todos acreditamos no Brasil”. Tudo isso foi dito ao grupo de manifestantes antidemocracia e pró-ditadura mencionado acima pelo fato de o STF ter coibido algumas de suas arbitrariedades.

Ele fala de independência dos três poderes, mas “independência” nos seus termos, porque não aceita o fato de o STF ter impedido de ele nomear um amigo seu e de seus filhos para o cargo de diretor da Polícia Federal. Com esse amigo lá, esperava que os processos contra os alegados crimes de seus filhos fossem arquivados. Ao dizer “acabou a paciência” está sugerindo um não cumprimento de decisões judiciais. Tanto que chegou a dizer: “Peço a Deus que não tenhamos problemas nessa semana. Porque chegamos no limite, não tem mais conversa. Daqui para frente, não só exigiremos, faremos cumprir a Constituição”. Para ele, “cumprir a Constituição” é dar a ela a interpretação que lhe interessa. Mais, continuou o ex-capitão, “ela [A Constituição] será cumprida a qualquer preço. E ela tem dupla-mão. Não é de uma mão, de um lado só não. Amanhã nomeamos novo diretor da PF e o Brasil segue o seu rumo, aí”. Nota-se a veulência de impor sua vontade à força, pois é o Comandante em Chefe das Forças armadas. Isso lembra o também truculento general-presidente, da época da ditadura militar, João Baptista Figueiredo, que gostava mais do cheiro de cavalo do que do de gente. Em 1978 ele disse sobre uma possível oposição à ideia de abertura política que estava se iniciando, *malgré lui*: “É para abrir mesmo. E quem quiser que não abra, eu prendo. Arrebento. Não tenha dúvidas”. Os dois só não são iguais porque o Figueiredo tinha um pouquinho de cultura, embora fosse tão casca grossa quanto o ex-capitão.

Em vez de administrar o Brasil no que é mais premente no momento, a luta contra a covid-19, o ex-capitão fica criando problemas, desrespeitando o Congresso, o STF e a Constituição. Para ele o mais importante é o seu poder, pois é ele quem manda, e quer continuar mandando.

Em mais uma das saidinhas do Palácio da Alvorada, uma repórter perguntou:

-Repórter₁: *O senhor pediu a troca, presidente?*” (de um delegado no Rio de Janeiro, a fim de evitar que seus filhos continuassem sendo investigados).

-Ex-capitão: *Isso é uma patifaria!*, berrou Bolsonaro.

-Repórter₁: *O senhor pediu alguma troca no Rio?*”, perguntou novamente a repórter.

-Ex-capitão: *Cala a boca! Não te perguntei nada!*”, gritou o ex-capitão mais enraivecido ainda.

Se ele tivesse algum ceutil de civilidade, teria percebido que no caso cabia dar uma resposta, pois lhe foi feita uma pergunta, educadamente, coisa que ele desconhece. Não era ele que tinha feito uma pergunta, portanto, cabia-lhe simplesmente responder. Mas, como sempre, a matilha que se

ECO-REBEL

posta lá para ouvir suas pataquadas aplaudiu – frequentemente ele a estuma e alguns de seus membros avança contra repórteres. Mas, diante da ausência de resposta, outro repórter perguntou:

-Repórter₂: *O senhor pediu a troca, presidente?*”.

A resposta veio mais raivosa ainda:

-Ex-capitão: *Cala a boca! Cala a boca!*” (*Poder* 360, 05/05/2020).

De acordo com a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica, o núcleo da língua é a interação comunicativa e para que um ato de interação comunicativa seja eficaz é necessário que os interlocutores entrem em comunhão, uma espécie de predisposição para o diálogo, um clima de sintonia, de sinergia. Pois bem, os “diálogos” com o ex-capitão subvertem tudo isso. Para ele, é como uma guerra que ele tem que vencer; “conversar” é ele impor sua opinião. Em vez de ser uma atividade colaborativa, é uma disputa em que só ele tem que ganhar. O interlocutor só tem a opção de concordar com ele. Se lhe é feita uma pergunta de que não gosta, manda o interlocutor calar a boca ou, até onde sua civilidade permite, diz “acabou a entrevista”, vira as costas e vai embora, seguido de seus guarda-costas. Em vez de diálogo, com ele o que há é antidiálogo.

Vejamos mais um exemplo de antidiálogo: como reportado na *Agência Estado* de 10/06/2020, uma seguidora de Bolsonaro desiludida disse: “Nós temos hoje 38 mil mortos por causa do covid. E, assim, não são 38 mil estatísticas, são 38 mil famílias que estão morrendo nesse momento, que estão chorando, o senhor, como chefe da nação, eu votei no senhor, fiz campanha para o senhor, acho até que o senhor me conhece. E eu sinto que o senhor traiu a nossa população”. Ao que, como sempre, o ex-capitão retrucou: “Se você quiser falar, sai daqui, já foi ouvido. Cobre do seu governador. Sai daqui”.

Vê-se que quando é confrontado com uma pergunta incômoda, que sugere alguma verdade que lhe incomoda, ele simplesmente agride. Isso mostra seu despreparo para o cargo que ocupa, que exige postura e compostura, coisa de que é falto. O historiador e jornalista Marco Antonio Villa disse que o ex-capitão tem uma linguagem de marginal. Anda em sua opinião, até Fernandinho Beira-Mar (um dos maiores chefes do tráfico de drogas no Brasil, na cadeia há longo tempo) tem um comportamento e uma linguagem mais decente do que a dele. Talvez até mesmo Pablo Escobar (TV Cultura, 28/01/2021, 21h).

Como várias vezes mostrado, por mim e por outros autores, o ex-capitão não sabe dialogar, só quer impor suas ideias a ferro e fogo, pois quem manda é ele. Vale dizer, como não tem a força do argumento, usa o argumento da força, mediante agressões verbais e contumélias, protegido por seus guarda-costas muito bem armados. Sabemos que para a Linguística Ecológica, de que a ADE faz parte, a toda solicitação – como uma pergunta – a civilidade recomenda que deve corresponder um atendimento, como uma resposta adequada. Isso mostraria que os interlocutores estão em comunhão dialógica, não numa alteração ou disputa, como ele pensa que o “diálogo” é. Por ver a interação comunicativa como disputa, alteração, quem tem que vencer é ele, a qualquer custo. Com ele não há diálogo, uma vez que não atende a solicitação-pergunta do interlocutor, falando alto e ao mesmo tempo que ele.

5. O clã Bolsonaro e o Gabinete do Ódio

Volta e meia se lê na imprensa que há um Gabinete do Ódio no Palácio do Planalto, “nome dado ao grupo de assessores que mantém ligação com Carlos e que atua nas redes sociais de Bolsonaro” (*Estadão*, 17/05/2020), do qual saem calúnias e ofensas a pessoas e instituições que não são do agrado do clã Bolsonaro. O historiador, escritor e comentarista político Marco Antônio Villa

ECO-REBEL

chegou a afirmar que há uma quadrilha na presidência, e o ex-capitão é o chefe dessa quadrilha (TV Cultura, 27/04/2020, 21h30min). Em outra oportunidade, ele disse que há uma organização criminosa (ORCRIM) no poder (Jornal da TV Cultura, 04/05/2020, às 21h). O jornalista usa também o termo *caterva* para designar esse pessoal casca grossa, de baixo nível. Até o filho mais novo, o 04, distribui baixarias e ofensas (*Correio Braziliense*, 01/03/2020).

O filho Carlos Bolsonaro é tido como o organizador de notícias falsas em massa contra a PF e, provavelmente, o coordenador do Gabinete do Ódio. Dizem que ele tem uma sala no Palácio, mesmo sendo vereador no Rio de Janeiro. Enviar notícias falsas contra pessoas e instituições anonimamente é subversão, terrorismo, crime. Aliás, há informações de que o próprio ex-capitão, o pai, teria preparado atos de terrorismo durante seu período na caserna. No verbete “Jair Bolsonaro” da *Wikipedia* em português, fala-se de uma operação chamada “Beco Sem Saída”, em 27 de outubro de 1987, que “teria como objetivo explodir bombas de baixa potência em banheiros da Vila Militar, da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, e em alguns outros quartéis militares com o objetivo de protestar contra o baixo salário que os militares recebiam na época”. Ainda conforme Marco Antônio Villa, os membros do clã agem não apenas como milícias digitais. Há também milícias de ativistas, como a do grupo que fez manifestação contra a democracia apoiada pelo ex-capitão, a agressão ao Ministro do STF Alexandre de Moraes e o grupo que acampou na Esplanada dos Ministérios a fim de mostrar que apoiam o ex-capitão. Mas, para quê? Só pode ser para criar um clima de caos e ele vir como salvador da pátria, implantando uma ditadura militar e, talvez, conseguindo uma paz e uma tranquilidade de cemitério.

Há denúncias de que alguns de seus filhos estejam ligados às milícias de exterminadores do Rio de Janeiro. Por exemplo, a morte do ex-policial e miliciano Adriano da Nóbrega, “trouxe à tona suas ligações com a família do presidente Jair Bolsonaro e com a milícia do Rio de Janeiro. Ele foi morto em operação policial na cidade de Esplanada, na Bahia” (BBC News, 19/02/2020). Esse miliciano fora homenageado com a Medalha Tiradentes pelo então deputado estadual do Rio de Janeiro Flávio Bolsonaro, mesmo estando Adriano na prisão condenado em júri popular. Após sua execução na Bahia, por resistir à voz de prisão atirando contra os policiais, o próprio presidente o elogiou. Será que isso não é suficiente para ligar a família Bolsonaro às milícias do Rio de Janeiro? Enfim, não faltam fatos e atos que justificam os nomes Gabinete do Ódio e “organização criminosa” associados ao clã Bolsonaro. As respostas raivosas e truculentas às perguntas de repórteres vistas acima, feitas com o cenho franzido, dão mais força aos que falam desse “gabinete” e dessa “organização”. O deputado federal Eduardo Bolsonaro afirmou em uma entrevista que bastam um soldado e um cabo para fechar STF (*Agência Brasil*, 21/10/2018).

O ódio que emana do Gabinete do Ódio pretende atingir até a democracia. Tanto que o deputado federal Eduardo Bolsonaro afirmou uns tempos atrás que “se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5” (G1, 31/10/2019). O AI-5 foi o ápice da ditadura militar que infernizou o Brasil por cerca de 20 anos, prendendo, torturando e matando quem discordasse do regime. Este ano (junho de 2020), “Eduardo Bolsonaro diz que ‘não é mais uma opinião de ‘se’, mas de ‘quando’ ocorrerá momento de ruptura” (G1, 28/05/2020). Isso vem reforçar as ameaças que seu pai-presidente tem feito aos poderes constituídos, querendo armar a “população” (a minoria que o apoia). As ameaças de Eduardo Bolsonaro às instituições democráticas vêm de longe. Em 2018 ele disse, como já vimos, que “bastam um soldado e um cabo para fechar o STF” (www1.folha.uol.com.br, 2018/10). Como se vê, ele vem destilando seu ódio à democracia de longa data. Para completar, todos eles são altamente preconceituosos. A começar com os homossexuais. O ex-capitão disse certa feita: “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater” (*Folha de São Paulo*, 19/05/2002). Ao então deputado *gay* Jean Wyllys ele afirmou: “O problema é seu. Eu não teria orgulho de ter um filho como você”. Esse

preconceito machista inclui as mulheres. Numa discussão com uma deputada, o ex-capitão disse que “já que está difícil ter macho por aí, eu estou me apresentando como macho e ela aloprou. Não pode ver um heterossexual na frente. Ela deu azar duas vezes: uma que sou casado e outra que ela não me interessa. É muito ruim, não me interessa”, num momento em que ele distribuía panfletos contra a causa *gay* (*O Globo*, 12 de maio de 2011). Aqui entram outros preconceitos. Primeiro, ele “não entraria em um avião pilotado por um cotista nem aceitaria ser operado por um médico cotista”. Segundo, “se pegasse filho fumando maconha, o torturava” (TV247, 14 de agosto de 2015, 13:47 h)”.

Os ameríndios não poderiam ficar fora dos alvos do ódio do ex-capitão. Sobre um índio que fazia reivindicações em Brasília ele disse: “Esse é o índio que vem falar aqui de reserva indígena. Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens” (The Intercept Brasil, TV Câmara, 9/12/14)”. Contra os adversários políticos suas atitudes violentas se manifestam com bastante vigor. Para ele, “se fuzilassem 30.000 corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, o país estaria melhor” (TV247, 14 de agosto de 2015, 13:47 h).

O ex-capitão é abertamente a favor da tortura. Em sua opinião, “o objetivo da tortura “é fazer o cara abrir a boca. Tem que ser arreventado para abrir o bico” (*Veja* online, 20/10/2018). Defendeu o torturador Brilhante Ustra na votação do *impeachment* de Dilma Rousseff. Defendeu as execuções durante a ditadura militar, que ele idolatra, dizendo que “gastaram muito chumbo com Lamarca. Ele deveria ter sido morto a coronhadas” (*O Globo* online, 27/07/1996). Em outra ocasião, disse: “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo”, disse enquanto fazia seu conhecido gesto de quem está atirando (*Exame*, 03/09/2018).

Em Silva (2020) foram apresentados vários adjetivos aplicados ao ex-capitão. Eis mais alguns: desatinado, desvairado, descontrolado, desequilibrado, tresloucado, alucinado, neurótico, lunático, delinquente, terrorista, nazifascista, homofóbico, machista, atormentado. Grande parte deles começa pelo prefixo negativo *des-*. A língua não tem qualificativos adequados o suficiente para lhe atribuímos. Já no seu período de caserna um superior disse dele que tinha “falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos” (*Wikipedia*). Na verdade, é muito difícil encontrar uma boa qualidade no ex-capitão. Eu pelo menos ainda não encontrei nenhuma. O MSN de 25/05/2020 acrescentou que ele é um “líder vingativo”, com “atuação irresponsável e perigosa”, além de ser “negacionista” da gravidade do coronavírus.

Gostaria de terminar esta seção do artigo com uma fala do Presidente Nacional da OAB, Felipe Santa Cruz. De acordo com ele, “a população não pode mais cair em provocações que opõem dois valores e colocam o brasileiro para brigar. Raciocínios pobres, argumentos rasos, metáforas incabíveis. CNPJ na UTI? Já são mais de 8 mil CPFs perdidos, sem chance de recuperação! Não validemos este debate lunático” (*Estado de Minas*, 07/05/2020). Por causa da ideologia bolsonarista, alguns brasileiros brigam entre si, inclusive parentes próximos. O ex-capitão está mais preocupado com a falência de empresas (CNPJ) do que com a morte de pessoas (CPF).

6. Ideologia

Não há como não voltar à questão da ideologia, no pior sentido da palavra. Além das ideologias fundamentalistas políticas e religiosas, existem algumas de caráter idiossincrático. Uma das mais conhecidas é o criacionismo, que segue a interpretação bíblica da criação descrita no *Gênesis* e nega a teoria científica da evolução formulada por Charles Darwin. Há muitas versões dessa ideologia (não dá para chamá-la de ‘teoria’), em várias épocas da história e em vários lugares do mundo, mas, a mais conhecida no Ocidente é essa baseada no *Gênesis*. Uma segunda ideologia

ECO-REBEL

idiossincrática é o terraplanismo. Tem havido demonstrações de que a terra é redonda desde os gregos e o fato foi definitivamente comprovado pela ciência desde pelo menos o final da Idade Média. No entanto, os seguidores dessa ideologia afirmam que a terra é plana. Simplesmente porque acham e querem que assim seja e ponto final. Não há argumento racional que os convença. Não sei se os terraplanistas defendem também o geocentrismo, a ideia de que a terra é o centro do universo e que os demais corpos celestes, como o sol e a lua, giram em torno dela. Essa ideia faria mais sentido, se se pode falar assim, do que a terraplanista porque podemos “mostrar” para quem quiser que o sol “se levanta” no leste, percorre toda a abóbada celeste acima de nossas cabeças e “se põe” no oeste. No dia seguinte é a mesma coisa e assim sucessivamente. Portanto, é “empiricamente” demonstrado que o “sol gira em torno da terra”, pelo menos para aqueles que não veem um milímetro além da ponta do próprio nariz. Mas, pelo menos haveria algum “argumento”, o que não existe para o terraplanismo.

Há outras crenças (ideologias) do mesmo jaez, mas eu gostaria de falar apenas de mais duas. Uma delas é o negacionismo. De acordo com o *Dictionnaire Larousse Online*, trata-se de uma “doctrine niant la réalité du génocide des juifs par les nazis, notamment l’existence des chambres à gaz” (doutrina que nega a realidade do genocídio dos judeus pelos nazistas, sobretudo a existência das câmaras de gás). Os negacionistas acham que muitos fatos demonstrados cientificamente são “fraudes”, verdadeiro é o que eles acham que é. As imagens de cadáveres ao lado de pacientes em hospitais superlotados são consideradas *fake news*. O número de infectados e de mortos pela covid-19 são forjados para defender o interesse das funerárias e até promover um *lockdown*, a fim de levar as empresas brasileiras à falência e a China comprar todas a preço de banana.

Essa última asserção leva à quarta ideologia, chamada de “teoria da conspiração”, o conspiracionismo, que vou continuar chamando de ideologia da conspiração para não conspurcar a palavra ‘teoria’, embora Eco (2010) use a expressão italiana “*teoria del complotto*”. Um ex-presidente do Irã afirmou que o coronavírus (SARS-CoV-2) foi criado em laboratório com financiamento de Bill Gates a fim de obter muitos lucros em seus negócios. Quando ainda era presidente, ele afirmou que o holocausto dos judeus pelos nazistas não tinha existido, ou seja, além de conspiracionista ele é também negacionista.

A essas quatro ideologias aberrantes, poderíamos acrescentar a “ideologia bolsonarista”. Em seu primitivismo, ela inclui todas as anteriores. Se as filosofias construcionistas dizem, com base em argumentos filosoficamente aceitáveis, que a linguagem cria o mundo, as ideologias recém-elencadas dizem que o mundo, os fatos, a verdade é o que interessa a mim e ao meu grupo, é o que nós queremos que aí esteja e que seja como queremos que seja. O que os outros veem é mentira, é conspiração para defender interesses espúrios e incógnitos. Até parece que os defensores dessas ideologias estão a fim de fazer deboche com a situação, fazer gozação de nossa cara, zoar conosco; só pode ser isso. É difícil acreditar que sejam sinceros no fundo de suas consciências. Por tudo isso, vê-se que o ex-capitão pratica um governo idiocrata².

Sabemos que ideologia cega e ensurdece as pessoas. Não interessa o que elas veem nem o que ouvem. Elas estão afetadas pelo Problema de Orwell, como formulado por Noam Chomsky: as evidências abundam, ninguém em sã consciência discorda, mas os seguidores dessas ideologias juram de pés juntos que não é verdade. Tudo é culpa da imprensa, que só quer falar mal de sua ideologia, distorcendo os fatos. Toda a imprensa brasileira e estrangeira está mentindo, inclusive a conceituada revista inglesa de medicina *The lancet*³. Por isso, temos que lutar não apenas com a pandemia do coronavírus, mas também com uma infodemia, ou até uma desinfodemia, um surto epidêmico de notícias falsas, na maioria das vezes inventadas pelos seguidores dessas ideologias. Durante a campanha e ao assumir a presidência o ex-capitão alegou que implantaria um governo livre de “ideologias” como a esquerdista, mas introduziu uma ideologia de direita pior do que a

ECO-REBEL

esquerdista, pois, no fundo, no fundo, tem veleidades de implantar uma ditadura militar, de triste memória, com ele no comando, é claro, aliás, como dizia um dos cartazes na manifestação pró-ditadura de que ele participou e à qual incentivou.

Voltando ao busílis da questão, “no dia em que o Brasil atingiu a marca de dez mil mortes causadas pela covid-19 – considerando apenas os óbitos confirmados – apoiadores do presidente Jair Bolsonaro fizeram uma *performance* dançando em torno de um caixão em Brasília”. Eles chegaram a fazer encenações ridicularizando os enterros, num total desrespeito ao sofrimento dos mortos e de seus familiares (*Estado de Minas*, 09/05/2020). Vale dizer, para esses adoradores de são bolsonaro, tudo aquilo que a imprensa mostra é *fake news*. Só eles sabem o que está acontecendo, embora não apresentem provas.

Ao receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Turim, Umberto Eco disse, numa conferência sobre “a teoria da conspiração”, que com as redes sociais os imbecis têm o mesmo poder de se expressar que um detentor de Prêmio Nobel. Minha primeira reação a essa ideia foi de que se trataria de uma manifestação preconceituosa do grande intelectual. Mas, diante de tanta imbecilidade dita pelos seguidores das ideologias recém-mencionadas, já estou ficando propenso a concordar com Eco. Cada um pode dizer a besteira que quiser, com ou sem fundamento⁴. Pode até agir com violência contra os que não concordam com suas insanidades. É o que fazem as milícias bolsonaristas.

No que segue, veremos mais argumentos sobre a surdez e a cegueira ideológica. Na verdade, a ideologia do ex-capitão é muito parecida com a de Adolf Hitler, a de Benito Mussolini e outros da mesma laia, como já assinalado várias vezes. Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler disse que “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. Em outras situações se diz que não há fatos, mas versões. Pois bem, o comportamento e as ideias do ex-capitão *et caterva* sobre o letal coronavírus mostram que ele segue esses princípios. Ele ignora tudo que a Virologia, a Infectologia, a ciência em geral dizem sobre o vírus. O que importa é o que ele acha sobre o fenômeno. Afinal ele é macho e é ele quem manda.

Neste contexto seria interessante evocar a interação organismo-mundo da Ecologia, que equivale à relação indivíduo-mundo usando a palavra, enfim, a relação entre a palavra e a coisa, entre o signo e o referente. Os petistas dizem que a cassação de Dilma Rousseff foi golpe. Os que a cassaram, dizem que aplicaram a constituição na destituição da presidente⁵ que cometeu o crime de responsabilidade. O presidente da sessão, Ricardo Lewandowski, do STF, violou a constituição ao não aplicar a exigência constitucional de que quem é cassado perde os direitos políticos. Ele excluiu este último item. Assim, quem cometeu ilegalidade, quem deu golpe (na constituição) foi ele. Enfim, aqui como alhures “verdade” é o que minha ideologia defende; o que os outros dizem é mentira.

O ex-capitão alega que luta contra a corrupção, mas troca o ministro e o delegado que não permitiriam a ele interferir nas atividades da PF para livrar a cara de seus filhos acusados de corrupção e outros crimes. Sabemos que ele abomina governos como o de Nicolás Maduro, da Venezuela, mas está fazendo exatamente o mesmo que ele faz – para vergonha de Bolsonaro, se é que a tem – a Venezuela forneceu caminhões de oxigênio para salvar pessoas em Manaus, diante do descaso de seu governo. Além de tudo, ambos defendem o uso da cloroquina no tratamento da covid-19, sem nenhum embasamento científico, simplesmente porque é assim que querem que seja. Nada mais parecido com uma ideologia de extrema esquerda do que uma ideologia de extrema direita. Contraopondo a tudo que acaba de ser dito, gostaria de terminar esta seção do artigo citando algo positivo. Ao promulgar a Constituição de 1988, o Dr. Ulysses Guimarães disse, levantando-a e mostrando-a ao público: “Tenho ódio de ditadura; ódio e nojo”.

7. Discussão

As ações e as falas do ex-capitão são antípodas da ideologia da vida defendida pela Análise do Discurso Ecosistêmica. Essa ideologia está apresentada de forma sinóptica na seção 2 acima. Ele alega que defende o emprego das pessoas, pois, como disse um popular na rua, “é melhor morrer com a barriga cheia do que morrer de barriga vazia”, e ele estava querendo dizer morrer devido à covid-19. Não obstante a justeza dessa asserção, o fato pode ser visto também da perspectiva de que sobreviver com fome por algum tempo talvez seja menos mal do que morrer logo por ter desobedecido a recomendação de não se aglomerar e não se expor ao perigo de contaminação. Defunto não precisa de emprego nem de comida.

O ex-capitão ofende o STF, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, a maioria dos governadores, a imprensa e diversos outros setores em vários pronunciamentos. Humilha seus auxiliares, não cumpre o que lhes prometeu ao convidá-los para fazer parte de seu governo. Por isso, após a demissão do Ministro da Justiça (Sérgio Moro) que queria combater a corrupção e o crime organizado, perdeu o apoio de muitos segmentos da sociedade (empresários, parlamento, STF e até entre suas próprias hostes). Assim sendo, não deu outra: ele começou a fazer justamente a velha política, aliando-se ao oportunista Centrão, a despeito de seu atual ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, ter dito certa feita que “se gritar pega Centrão, não fica um meu irmão” (TV Globo, Jornal Hoje, 07/05/2020, 14:20). Essa negação dos princípios apresentados antes de chegar ao poder, se dá diante da iminência de um processo de *impeachment* contra o presidente. Nesse momento, o ex-capitão esquece tudo que prometeu e faz a “velha política”. Como disse o filósofo Luiz Felipe Pondé: “Só quem tem dificuldade para pensar não percebe que Bolsonaro está fazendo a velha política do toma lá dá cá” (TV Cultura, 05/06/2020, 21:20). Conclusão: o ex-capitão não cumpre a palavra empenhada, não tem palavra⁶. Ao ex-juiz Sergio Moro, por exemplo, ele prometera carta branca para ser seu Ministro da Justiça, fazendo-o abandonar uma carreira de mais de 20 anos como juiz. Quando Moro não concordou com ações que levariam a não investigar alegados crimes de seus filhos, forçou-o a se demitir e agora considera-o inimigo. Seus auxiliares têm que dizer amém a todas as suas arbitrariedades, como faz o sevandija general Eduardo Pazuello, ministro da Saúde.

Voltemos à questão da semelhança do discurso do ex-capitão com o de Hitler, mais no conteúdo do que na forma. Marina Basso Lacerda fala das semelhanças gerais entre o bolsonarismo e o fascismo com base em uma análise do fascismo feita por Theodor Adorno, apoiado na teoria de Freud. De acordo com ela, o bolsonarismo só não coincide com o fascismo em duas características deste que seriam “positivas”: o intervencionismo estatal na economia e o projeto nacionalista, de construir uma grande nação (LACERDA, 2021). O objetivo de Bolsonaro, ao contrário, é apenas implantar uma ditadura militar, com ele no comando e todos os cargos importantes do governo nas mãos de militares o que, na verdade, já existe.

No que tange à forma, as limitações intelectuais do ex-capitão não permitem que ele profira um discurso com a coesão e a coerência dos desse monstro. Hitler escrevia e corrigia seus textos, talvez auxiliado por algum ajudante. O livro *Mein Kampf* (minha luta) está escrito em um alemão escorreito. Quando ao ex-capitão, parece que nunca digitou nada, a não ser no celular, e nunca leu nada de literatura, história ou filosofia. Os textos-discursos de Hitler são bem elaborados, respeitam a coerência e a coesão internas. Os do ex-capitão são cheios de palavrões, de marcadores de discurso como “pô”, “tá?”, “OK?”, “isso daí”, “e daí?”, “né?” e quejandos. Como os discursos de Hitler, e de Mussolini, os do ex-capitão apresentam muita repetição, a fim de ficar martelando uma mentira como se fosse verdade até que as massas a assimilem. Igual àquelas músicas que, de tanto as ouvi-las, começamos a cantarolá-las. Em parte, o recurso da repetição se deve à pobreza de repertório linguístico. Como disse Marco Antônio Villa, “Bolsonaro deve conhecer um máximo

ECO-REBEL

de 500 palavras”. É claro que isso é um exagero, mas como metáfora é válido. Como dizem os comentaristas dos discursos de Hitler, o objetivo é a manipulação do povo e quanto mais simples for o discurso mais tocará as pessoas simples. Nada de informação nova, apenas lugares comuns, o que agrada a malta de seguidores.

Uma outra semelhança entre os discursos do ex-capitão e os de Hitler pode ser vista nos aspectos paralinguísticos. Mesmo quem não sabe nada de alemão percebe nos discursos do *Führer* um tom de voz raivoso, com jatos sonoros intensos que revelam agressividade, acompanhado de muitos esgares. Pois bem, os discursos do ex-capitão contêm tudo isso, assemelhando-se aos de Hitler também nas inflexões da voz, no tom alto, ríspido e impositivo, aos gritos. Ambos usam frases curtas, repetidas várias vezes, típicas do autoritarismo. No caso do ex-capitão, as frases curtas em geral são coroadas por um “tá certo?”, “OK?” e, quando ele está muito furioso, “e ponto final”, ou seja, é o que eu disse e o que eu quero e acabou, não há contra-argumento.

Na paralinguagem de ambos entram também expressões do corpo. A gesticulação é nervosa, impositiva, com dedo em riste ou, então, apontando para o interlocutor. O rosto fica contraído, o cenho franzido e crispado espasmodicamente, com muitos esgares. Se algum repórter faz uma pergunta incômoda, o ex-capitão simplesmente diz “entrevista encerrada”, vira as costas e se manda com aplausos da própria claque e vaias aos repórteres.

Ele é incapaz de apresentar uma sequência de frases coerentes sem a intromissão de um desses marcadores. Suas frases são curtas na forma e impositivas no conteúdo. Curtas porque ele é incapaz de um pensamento mais elaborado. Tanto que quando está irritado – e frequentemente ele está irritado – termina-as não apenas com um desses marcadores, mas também com expressões como “não tem mais conversa”, “acabou!”, “chega!”, “chegamos no limite!”. Isso aconteceu, por exemplo, quando o STF podou uma de suas irresponsabilidades.

Suas frases são impositivas no conteúdo porque ele não dialoga. Não ouve o outro, só quer impor o que acha, o que é de seu “interesse, do de sua família e de seus amigos”, para usar suas próprias palavras. Enfim, o ex-capitão não dialoga, apenas comunica o que quer que os outros ouçam, a fim de obedecerem, se for o caso. Tanto que não responde a perguntas incômodas dos repórteres que se postam junto com sua claque na saída do Palácio da Alvorada e, se/quando reponde, fá-lo com aspereza, em tom agressivo, apenas para ofender o repórter, não propriamente para responder à pergunta. Ao contrário, após despejar seus despautérios, vira as costas e vai embora com seus seguranças e bajuladores.

Quando mandou dois repórteres calar a boca, fê-lo aos berros, inteiramente descontrolado. Ele é tão limitado intelectualmente que não percebe que num regime como o que defende (ditadura militar) ele não poderia estar dizendo os impropérios e ofensas à democracia que faz a todo momento, a não ser que fosse ele o próprio ditador ou um de seus asseclas.

Já vimos que o discurso e as ações de Bolsonaro vão na contramão dos princípios apregoados pela ADE. Silva (2020) mostrou que de fato há conceitos polares, portanto, amor e ódio, por exemplo, são as duas pontas de um mesmo diâmetro de circunferência. Assim, para se enfrentarem questões de conflito, que estão no lado do ódio, por exemplo, poder-se-ia partir tanto de um dos lados quanto do outro. Os seguidores da religião bolsonarista partem do lado do ódio e, frequentemente, ficam nele. A ADE, ao contrário, recomenda (prescreve) que se enfatize o polo amor, partindo de uma visão holística, e se vá na direção do ódio a fim de arrefecê-lo, estabelecer a harmonia, a comunhão. Afinal, como se pode ver no *Tao te ching*, o amor só existe porque existe o ódio, mas ele recomenda enfatizar o lado amor. Até na guerra se deveria tentar vencer sem matar ninguém, como se vê em a *Arte da guerra*, de Sun Tzu (544 a.C.–496 a.C.).

8. Observações finais

Na *Wikipedia* em português, pode-se ler que, “segundo biografia feita por seu filho Flávio, Bolsonaro ‘foi candidato a vereador porque calhou de ser a única opção que possuía no momento para evitar que fosse vítima de perseguição por parte de alguns superiores’” – por que será que alguns superiores queriam “persegui-lo” (será que ele estava rezando?)? Em seguida foi eleito deputado federal por vários mandatos, sem ter aprovado nenhum projeto relevante. Geralmente, ele só aparecia na imprensa devido a escândalos, afirmações preconceituosas, atitudes raivosas, apoio a torturadores da ditadura militar e algo do gênero. Durante todo esse tempo mudou de partido várias vezes, como se muda de camisa.

Já na caserna ele se sobressaía devido a fatos negativos. Seus superiores o avaliaram como dono de uma "excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente". Um deles chegou a dizer que ele "tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos". O que é pior, vimos que ele chegou a planejar a explosão de bombas de baixa potência em quartéis para chamar a atenção sobre o baixo soldo dos militares. Vale dizer, já naquela época seus superiores anteciparam muita coisa do que está dito no presente artigo sobre o ex-capitão. Mas, o mais estarrecedor é que ele planejou atos terroristas e um grupo de seus seguidores simulou bombardeio do STF (com rojões), coisa que ele acha que é apanágio das esquerdas. Tudo isso está na sua biografia publicada na *Wikipedia*.

O ex-capitão nasceu com a bunda virada para a lua. Primeiro, tem se exposto no meio de multidões sem nenhuma proteção, sequer usando máscara, mas até o momento (junho/2020) não foi afetado, embora muitos membros de seu governo tenham sido⁷. Segundo, ele pode cometer os maiores desatinos, desrespeitar a lei e ameaçar as instituições democráticas sem ser punido, frequentemente devido a uma conjunção de fatores negativos, como os que permitiram que ele chegasse à presidência da república, ou seja, a facada, a corrupção dos governos do PT e não ter ido aos debates dos candidatos na televisão. Como ele acha que porta o lábaro de não corrupto, pode cometer os maiores desatinos, como está discutido por Fernandes (2020a, 2020b). Mesmo diante das diversas delinquências e dos diversos crimes perpetrados por ele, para retomar as palavras de Marco Antonio Villa, não seria exagero pôr em sua boca a expressão: “Cassem-me, se forem capazes!”

Notas

1. “Gli italiani si son troppo nutriti finora di carne di **agnello**: è giunto il momento ch'essi imparino a nutrirsi di midollo di **leone**”, indevidamente atribuída a Benito Mussolini. Eco (2010) comenta isso no contexto da “teoria da conspiração” (*teoria del complotto*). Na verdade, a frase de Bolsonaro lembra a famosa “Fábula do Lobo e do Cordeiro”, de Jean de la Fontaine (1621-1695), de que ele certamente nunca ouviu falar.
2. Sobre a idiocracia, é importante não confundi-la com “governo de idiotas”. Trata-se de governo de idiotas. Ver texto de Paulo Esteves e Monica Herz, “Bolsonarismo não sabe, ou prefere ignorar sinais de colapso”, *Estadão* online, 12/05/2020.
3. O Editorial da conceituada revista científica inglesa *The lancet*, de 09 de maio de 2020, confirma tudo que digo no presente artigo (cf. COUTO, 2020b).
4. “I social media danno diritto di parola a legioni di imbecilli che prima parlavano solo al bar dopo un bicchiere di vino, senza danneggiare la collettività. Venivano subito messi a tacere, mentre ora hanno lo stesso diritto di parola di un Premio Nobel. È l’invasione degli imbecilli”. Isso foi

dito durante a cerimônia em que Eco recebeu o título de doutor *honoris causa* em “Comunicação e cultura da mídia”, na Universidade de Turim, em 10/06/2015 (*La Stampa*, 11/06/2015).

5. ‘Presidente’ é substantivo de dois gêneros (o presidente, a presidente), mas os adoradores de são lula quiseram modificar até mesmo a língua, como Mussolini, que vetou o uso de *lei* (o senhor, a senhora), por considerá-lo de influência estrangeira (como o *Sie* alemão) e um tanto efeminado (eis aí o machismo compartilhado com o ex-capitão!) e impondo o *voi* (vós). O ditador turco Atatürk proibiu o uso da escrita árabe em prol da latina. A ex-presidente esquerdoide da Argentina, Cristina Kirchner, se dizia “la presidenta”. Se querem fazer a distinção masculino/feminino, por que não dizem “o poeta” e “a poetisa”, em vez de “o poeta” e “a poeta”, como dizem? Alguns direitistas chamam os da esquerda de “esquerdopatas”, mas, assim eles poderiam ser chamados de “direitopatas”. Os fundamentalismos de qualquer jaez de equivalem.

6. O coronel do cerrado Joaquim Roriz, favelizador-mor de Brasília, certa feita prometeu algo em um de seus inúmeros comícios. Alguém do público disse que ele havia prometido a mesma coisa na campanha anterior, mas não cumpriu, ao que ele retrucou: “Eu prometo de novo!” Detalhe: ele foi governador de Brasília quatro vezes; a primeira como biônico (durante a ditadura militar), mas, a partir da segunda, com o curral eleitoral que conseguiu formar distribuindo terras públicas para as pessoas, se tornou imbatível. Só parou de se candidatar e ser eleito quando morreu em 2018.

7. Alguns meses mais tarde (meados de julho/2020), ele acabou contraindo o vírus, embora tenha tido a sorte de não precisar de ir para uma UTI e ser entubado. Só teve sintomas leves, na sua crença, por ser “macho”. Vaso ruim não quebra!

Referências

ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. 2014. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* v. 41, p. 104-110.

COUTO, Elza K. N. N. Revisitando a análise do discurso ecológica. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 117-129. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4455> (acesso: 20/04/2020).

COUTO, Hildo Honório do. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em:

<https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>

(onde a teoria foi proposta pela primeira vez).

_____. Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica (ADE), 2014a. Disponível em:

<https://aarvinha.blogspot.com/2014/07/linguistica-ecossistemica-critica-ou.html>

_____. Análise ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica (ADE). In: COUTO, Elza; DUNCK-CINTRA, Ema; BORGES, Lorena (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014b, p. 27-42.

_____. Discursística, 2020a. Disponível em:

<https://ilinguagem.blogspot.com/2020/03/discursistica.html> (acesso: 26/04/2020).

_____. Covid-19 no Brasil, o presidente Bolsonaro e a revista de medicina britânica *The lancet*. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 3, 2020b. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/34509/27690>

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

COUTO, Hildo; COUTO, Elza. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 82-104. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

ECO-REBEL

_____. Por uma análise do discurso ecológica (ADE). In: COUTO, Hildo; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem*: Ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora da UFG, 2016, p. 437-472 (reprodução de COUTO; COUTO, 2015).

ECO, Umberto. La retorica del lupo davanti all'agnello. *La Repubblica* 04/01/2010. Disponível em: <https://www.larepubblica.it>

FERNANDES, Ubirajara Moreira. “Mas ele não é corrupto”. *Boletim do GEPL* n. 3, 2020a. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/numero3.pdf>

_____. “But he is not corrupt”: Not being corrupt justifies any delinquency and crime. *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020b, p. 73-77. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/35675/28326>

FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; Mühlhäusler, Peter (eds.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 84-90.

LACERDA, Marina Basso. De Hitler a Bolsonaro, porque o líder fascista hipnotiza seus seguidores: porque o líder fascista fascina seus seguidores. *Viomundo*, 23/01/2021. Disponível em:

<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/marina-lacerda-de-hitler-a-bolsonaro-por-que-o-lider-fascista-hipnotiza-seus-seguidores.html>

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

TRAMPE, Wilhelm. Sobre o papel da linguagem nos sistemas ecológicos antropogênicos. *ECO-REBEL* v. 2, n. 1, 2016, p. 39-56. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9897/8741>

Aceito em 30 de dezembro de 2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.